

A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA LINGUAGEM E DIÁLOGOS BRASILEIROS

The education of the ethnic and racial relations in the Brazilian language and dialogues

NOEDI MONTEIRO
noedimonteiro@yahoo.com.br

RESUMO: O propósito do artigo é focar a trajetória das relações étnico-raciais desenvolvidas e aplicadas no Brasil, ao longo de sua história, como das linguagens específicas inerentes à convivência e formação do povo brasileiro. De experiências culturais negra, indígena e europeia, a formação do povo foi influenciada por teorias e conceitos forjados no poder da colonização e em sua hierarquia dominante. Abordaremos a dimensão de como as imagens e outras figuras exercem forte poder persuasivo, pela repetição de clichês e estereótipos, que se transformam num foro de verdade com o passar dos tempos. Pensar o negro como imagem depreciativa é tê-lo como incapaz de trilhar o caminho da civilização como uma raça subordinada, conforme as teorias raciais de Lapouge (1854-1930), Spencer (1820-1903), Ingenieros (1877-1925), Nina Rodrigues (1862-1906) e Oliveira Viana (1833-1951).

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Relações étnico-raciais. Diálogos. Linguagem. Racismo. Estereótipos.

ABSTRACT: The purpose of the article is to focus on the pathways of the ethnic and racial relations developed and applied in Brazil, throughout its history, as well as to specific languages inherent to the living together and the formation of the Brazilian people. The formation of the people, born out of black, indigenous and cultural experiences, was influenced by theories and concepts forged under the power of the colonization and its dominant hierarchy. We'll deal with the dimension of how images and other figures have strong persuasive power, through the repetition of clichés and stereotypes that become a recognized truth as time goes by. To consider the blacks in a disparaging way is to conceive them as a subordinate race unable to walk the path of civilization in line with the racial theories de Lapouge (1854-1930), Spencer (1820-1903), Ingenieros (1877-1925), Nina Rodrigues (1862-1906) and Oliveira Viana (1833-1951).

KEYWORDS: Education. Ethnic and racial relations. Dialogues. Language. Racism. Stereotypes.

INTRODUÇÃO

O “fator étnico” permeia os escaninhos do tempo e da civilização brasileira desde a sua formação como Estado-nação. O rigor constitutivo de origem portuguesa, dos estatutos de “*puritate sanguinis*” (pureza de sangue) ou da Habilitação “*Genere, et Vita Moribus*” (estudo da ascendência) restringe o acesso de negros, índios, mestiços, mulatos, mouros, judeus ou cristãos-novos e ciganos, grupos étnicos considerados “sangue infectos” a cargos públicos, ordens e colégios religiosos. Todavia, a tônica das relações étnico-raciais brasileiras contemporâneas emerge do racismo científico do último quartel do século XIX ao início do XX (1870-1930), introduzido pelo pensamento alemão de Hartmann (1842-1906), Schopenhauer (1788-1860), Kant (1724-1804), Lhering (1818-1892), Hegel (1770-1831), Haeckel (1834-1919), Mohl (1799-1895), Fichte (1762-1814), Gneist (1816-1895), Hettner (1821-1882), Müller (1823-1900); francês de Le Bon (1841-1931); Comte (1798-1857), Taine (1828-1893), Littre (1801-1881), Baudelaire (1821-1867), Gobineau (1854-1936), Havet (1849-1925), Lapouge (1854-1930); inglês de Buckle (1821-1862), Long (1734-1813), White (1728-1813), Prichard (1786-1848), Spencer (1820-1903), Chamberlain (1855-1927), entre outros. O racismo científico foi absorvido pelo conjunto de obras do romantismo literário brasileiro patrocinado pela Escola do Recife, Faculdade de Direito, consagrada por nomes como Artur Orlando (1858-1916), Fagundes Varela (1841-1857), Araripe Jr. (1848-1911), José Veríssimo (1857-1916), Clóvis Beviláqua (1859-1944), Trajano Galvão (1830-1864), Sousândrade (1832-1902), Graça Aranha (1868-1931), Tito Lívio (1864-1890), Martins Jr. (1860-1904) etc. A tutela coube a Tobias Barreto (1839-1889) e Sílvio Romero (1851-1914) com representação na poesia, no romance e na literatura teatral.

Beviláqua chama a escola do Recife de “Escola de Tobias Barreto” (SILVA, 2003, p.56). Araripe Jr. atribui ouvir de Tobias Barreto nos anos de 1860 referências a Darwin e Haeckel (p.18) e lido Spencer, Buckle e Taine (ARARIPE JR., 1958, vol.1, p. 133). Romero credita a Barreto sua iniciação ao conhecimento científico (MENDONÇA, 1938, p.53).

Ideias, ideologias, filosofias e procedimentos de origem europeia povoaram as letras, o pensamento e a ação dos intérpretes da escola do Recife. E à luz desses critérios, os primeiros intérpretes constituíram o processo do saber histórico do Brasil com o florescimento, no país, do racismo científico e da hierarquização das relações étnico-raciais, que associam na conjuntura nacional os valores econômicos, ambientais, jurídicos, religiosos, sociológicos, culturais e educacionais. Mendes (2004, p.23) expõe que a imitação do Brasil ao modelo europeu define e certifica a sua tendência:

O Brasil, sempre lento em sua evolução, mantém, em suas bases, o magnetismo da vagarosidade: o negro tardiamente adquire sua liberdade (1888), o Império insiste em funcionar como esteio de uma máquina emperrada, a maioria retrógrada continua a atacar aqueles que fundam e inauguram, no mesmo modelo francês, a Academia Brasileira de Letras (1896-1897). Para os reformistas, o campo é a Europa, modelo para seguir.

Deodoro da Fonseca¹ presidente do Brasil e o Ministro da Agricultura Francisco Glicério², bandas-forras³ (hoje afrodescendentes), Governo Provisório, influenciados pelo pensamento científico reinante, assinam o decreto nº 528⁴, de 28 de junho de 1890, que, no art. 1º (LOTTI, 2001, p. 441), libera a entrada nos portos brasileiros de indivíduos válidos e aptos para o trabalho e sem antecedentes criminais. Quanto aos indígenas da Ásia ou da África, entrariam mediante autorização do Congresso.

Getúlio Vargas, presidente do Brasil sob os auspícios de ideias e concepções científicas em voga, enfoca sua preferência étnica na imigração pelo Decreto-lei nº 7.967⁵, de 18 de setembro de 1945 (art. 2º), nos seguintes termos: “Atender-se-á, na admissão de imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver na concepção étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia.”

A APRENDIZAGEM DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Com excertos e adaptações de minha dissertação de mestrado, reúno como objeto de estudo uma visão crítica e contemporânea da formação e dos fundamentos do vasto repertório histórico, específico e inacabado, sobre a linguagem própria e os diálogos usados na formulação do preconceito, dos estereótipos, da intolerância e do racismo, forjados numa relação de dominação socioeconômica, hegemônica, hierárquica e eurocêntrica, como mecanismo de opressão, discriminação e exclusão. Universo conhecido pelos negros, índios e minorias.

Palavras jocosas, irônicas, pejorativas, depreciativas e injuriosas, povoam termos e expressões cunhadas pelas relações étnico-raciais no Brasil, com referência ao negro e ao índio. Linguagem carregada de metáforas passa do alusivo à caricatura: desenho do negro no imaginário da brasilidade (popular), exteriorizado como objeto, algo sem sentido, significado e valor, imagem distorcida e esteticamente estereotipada, com o objetivo único de desvirtuar e desumanizar. A impressão que um grupo social dá do outro, de alguém, de algo, de uma situação, segundo um equivocado e categórico julgamento de valor interno ou imposto pelo meio, comunicado por escrito, via oral ou visual com plena distorção da realidade, é que se denomina “estereótipo”.

- 1 Marechal Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892) alagoano e filho da negra quitandeira Rosa Maria Paulina da Fonseca (1802-1873) “Nhá Rosa”, e do tenente português Manuel Mendes da Fonseca. Era tio do também presidente (1910-1914) e afrodescendente Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1855-1923), filho do irmão mais velho de Deodoro, marechal Hermes Ernesto da Fonseca (1824-1891) e de Rita Rodrigues Barbosa.
- 2 Francisco Glicério de Cerqueira Leite (1846-1916), afrodescendente, filho de Antônio Benedito Cerqueira Leite e Maria Zelinda da Conceição. Natural de Campinas (SP), político, republicano e abolicionista. Foi também ministro dos Transportes no governo provisório, ex-deputado federal e senador.
- 3 Banda-forra: filho de pai branco e mãe negra ou vice-versa nos idos coloniais e imperiais.
- 4 A lei vigorou por 101 anos e foi revogada pelo decreto s/n de 25 de abril de 1991 pelo Ministro da Justiça. <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/b2394d7e1ab9a970032569b9004e148d/f889cf3450277933032569fa00434d2a?OpenDocument>> Acesso em 10 jan. 2013.
- 5 A lei vigorou por 35 anos e foi revogada pelo Estatuto do Estrangeiro, lei federal nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, pelo presidente João Baptista Figueiredo. (SEITENFUS, 2009, p. 38).

Adverte Ferro (1983, p.11), historiador francês, que “não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos e de nós mesmos está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças”.

Nos estereótipos, conceitos, imagens, visões, opiniões, comportamentos e conjunturas são transformados em caricaturas que marcam, diferenciam e podem generalizar um grupo, alguém, algo, uma situação, com um sinal ou uma representação; firmá-lo com características negativas, marginais e excludentes pela estigmatização social com grave repercussão e consequências.

Goffman (1988, p.14) define o estigma como uma negação à participação do outro no meio social, como descreve:

[...] um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aquele que se encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.

Paula Botelho (apud Goffman, 1982, p.15) descreve a influência social do estigma:

O estigma cria tensões e embaraços porque está fundado na crença de que o sujeito estigmatizado não é completamente humano, e a pessoa não pode romper com a crença porque aprendeu a ver com os mesmos olhos (2005, p. 26).

Estereótipo vem do grego *stéreatos* e significa molde, representação, sinal.⁶ Reprodução do que está gravado na placa ou chapa de chumbo tipográfico, de forma repetitiva como tiragem. Em outras palavras representa um “rótulo” que aleatoriamente estampa a superfície especificada como “aparência” ou o “ser” sujeito a anedotas, chacotas, brincadeiras, frases feitas, um verdadeiro processo de seleção e de legitimação da opressão, exclusão social e política. Taylor (1994, p.58) exprime os efeitos interiores avassaladores que os estereótipos provocam no indivíduo: “a projeção sobre o outro de uma imagem inferior ou humilhante pode deformar e oprimir até o ponto em que essa imagem seja internalizada”. Emenda Habermas (1983), que importa sim o reconhecimento que temos dos outros para a formação de nossa identidade social; vivemos em coletividade bem como indivíduo: “Ninguém pode edificar a sua própria identidade independentemente das identificações que os outros fazem dele” (p.22).

6 Estereotipia, portanto, consiste na composição de placas com tipos móveis ou caracteres tipográficos como matrizes (letras e frases) e gravuras como método de impressão inventado em 1040, pelo chinês Pi Ching. Chamada de Clichê pelos europeus, dado ao chumbo ou cobre derretido nas clichérias geralmente de tipografias para a composição de placas, gravuras e impressão de páginas. Também se atribui ao ourives escocês William Ged (1699-1749) a criação dos estereótipos em Londres, Inglaterra (1725). No entanto, o cunho do termo coube ao gravador francês Firmin Didot (1764-1836). O termo migrou das artes gráficas para as inter-relações humanas sendo empregado pela primeira vez por Walter Lippmann (1889-1974), jornalista e filósofo inglês, que o descreve em seu livro *Opinião Pública* (1922) como um processo cognitivo, em que os estereótipos não tão-somente são representações ou imagens como atuam na defesa de valores, interesses e ideologias, de um observador. Esse observador duramente não se importa com a cultura e a realidade daquele a quem observa. Nos seus dias, o autor denuncia a manipulação e influência dos poderosos grupos formadores de opinião pública pela construção de imagem nas mentes dos indivíduos, para obter os seus resultados, não levando em conta a sua realidade. (LIPPMANN, 2008, p. 81-146).

Pereira e Lima (2004, p.9) descrevem os primeiros intérpretes da esteira, extensão e processos dos estereótipos ao longo do tempo:

[...] Os estereótipos, o preconceito e a discriminação são fenômenos presentes desde o surgimento dos primeiros agrupamentos humanos. Contudo, o seu estudo sistemático apenas se inicia na segunda década do século XX, quando, em 1922, os estereótipos são definidos por Walter Lippman. Uma década depois, Katz e Braly criam as bases para o estudo empírico do tema, ao formularem um método e investigação que vem sendo utilizado até os dias atuais. Em meados da década de 50, Allport publica o livro *A natureza do preconceito*, no qual estão presentes os fundamentos teóricos para o estudo dos estereótipos, do preconceito e da discriminação.

Preconceito, discriminação, estereótipo e estigma como forma de distinções nos grupos sociais, cada um tem a sua origem e especificidade, mas relacionam entre si, nas suas atribuições, como descreve o juriconsulto Villela (2010, p.55):

A doutrina estabelece diferenças entre as expressões preconceito, discriminação, estereótipos e estigma. **Preconceito** é uma atitude negativa, direcionada a um determinado grupo. **Discriminação** é a forma ativa de preconceitos, a sua exteriorização. O preconceito não produz efeitos para o direito, enquanto não discrimina. **Estigma** é uma avaliação negativa que se faz de uma característica real e estereótipo seria uma característica, falsa ou verdadeira, que se imputa a alguém só por ele pertencer a determinado grupo.

Preconceitos, estereótipos, discriminação, de todas as formas, e o racismo deformam a realidade e provocam injustiças, estigmatizam e expõem a uma inferiorização que causa danos psicológicos, físicos e morais: imagem e reputação; afeta a autoestima e o autoconceito, contribuindo para a formação do sentimento de autorrejeição, crise identitária e aversão à pertença.

Tobias Barreto e Cruz e Souza⁷ experimentam a sensação do distanciamento da pertença na própria carne levados pelo domínio de forte complexo e influência do meio. Souza amarga de tal forma a real consciência da situação do preconceito e discriminação a que era sujeito que transporta sua indignação para a penúria em que vive e para a poesia:

Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre? (BERND, 1992, p.31).

7 João da Cruz e Souza (1861-1898), catarinense, poeta, dominador do francês, grego, latim, ciências naturais e matemática, jornalista, um dos precursores do simbolismo no Brasil. Filho dos ex-escravos: Guilherme da Cruz e de Carolina Eva da Conceição, de propriedade de Guilherme Xavier de Souza. Foi impedido de ocupar o cargo de promotor de justiça pública em Laguna (SC) em razão da cor. Ao morrer tuberculoso em Sítio (MG) seu corpo foi trasladado para o Rio de Janeiro num vagão de cavalos e sem esquife. José do Patrocínio custeou o enterro. Homenagem estatal: Museu História de Santa Catarina – Palácio Cruz e Souza, Lei estadual nº 5.512, de 20 de fevereiro de 1979.

Segundo Brookshaw (1983, p. 155)

Entretanto, ao contrário de Machado, Barreto foi muito mais influenciado pela ideologia racial arianista de sua época e por vezes mais aberto quanto à sua condição de mulato, o que o levou a descrever-se com um "indivíduo de uma raça ou sub-raça, que ainda se acha em vida de formação".

Complementa Brookshaw (p. 154) que:

Como Machado, Barreto não participou da questão abolicionista nem militou abertamente em nome do Republicanismo. Um exemplo significativo do complexo de Barreto era sua administração pela cultura e pensamento alemão. Na verdade ele foi o principal representante do Monismo Alemão no Brasil.

Bastide (1983, p.63) procura entender psicologicamente a reação de Barreto e vê como uma válvula de escape para a influência do meio sua opção pela corrente em voga, no momento, a cultura alemã, à qual se entrega de corpo e alma que lhe transcende a cor da pele. Ele exaure dos conhecimentos que faz dessa cultura seu novo pertencimento e uma restauração identitária, que o coloca em posição de igualdade no meio pelo domínio da ciência e saber caucasiano.

Mas, se nos lembrarmos de que noutra extremo do Brasil, outro homem de cor, Tobias Barreto, foi procurar também a sua inspiração no pensamento germânico, é-nos permitido dizer que existe um fenômeno, cuja explicação só pode ser encontrada numa análise do inconsciente racial, na vontade de mudar mentalmente de cor; é preciso clarear e o melhor meio é procurar a poesia ou a filosofia dos indivíduos que têm a pele mais clara, isto é, os povos do Norte.

Cruz e Souza, por seu professor de ciências naturais e matemática Fritz Müller (1822-1897), partidário da teoria da evolução darwinista e radicado em Blumenau (SC), como por Schopenhauer, foi assediado por correntes europeias, conclui Bastide:

[...] outro que sofreu grande influência do Simbolismo alemão bem como da filosofia pessimista de Schopenhauer, foi o primeiro grande poeta negro do Brasil, Cruz e Souza, o representante mais famoso de seu país do simbolismo do século XIX. Cruz e Souza, como Machado de Assis e Tobias Barreto, tentou ocultar suas origens humildes escrevendo uma poesia de extrema habilidade técnica e sensibilidade (p. 155, 156).

Em "Emparedado" de 1898, Cruz e Souza combate as concepções positivistas, deterministas e científicas que dominam o final do século XIX e protesta, com a voz de um oprimido, contra as teorias racistas que emparedam o negro. Manifesta-se sobre a Maldição de Caim (Gênesis, 4.15):

Tu és de Cam, maldito, réprobo, anatematizado! Falas em Abstrações, em Formas, em Espiritualidades, em Requintes, em sonhos! Como se tu fosses das raças de ouro e da aurora, se viesses dos arianos, depurado por todas as civilizações, célula por célula, tecido por tecido, cristalizado o teu ser num verdadeiro cadinho de idéias, de sentimentos, direito, perfeito, das perfeições oficiais dos meios convencionalmente ilustres! Como se viesses do Oriente, rei!, em galeiras, dentre opulências, ou tivesses a aventura magna de ficar perdido em Tebas, desoladamente cismando através de ruínas; ou a iriada, peregrina e fidalga fantasia dos Medievos, ou a lenda colorida e bizarra por haveres adormecido e sonhado, sob o ritmo claro dos astros, junto às priscas margens veneradas do Mar Vermelho! (BERND, 1992, p. 32, 33).

Por influência da cultura europeia, Tobias Barreto simboliza a mulher branca e a mulata como afroariana, Cruz e Souza exalta sobretudo a estética e o sensualismo da mulher branca. Machado de Assis⁸ é tido com tendência aos clássicos ingleses. Lima Barreto⁹, tremendamente discriminado em seus dias, tende para o alcoolismo e para autores russos principalmente Dostoiévsky; dialoga também com Turqueniev e Tostói. Foge da influência francesa rejeitada também por Tobias Barreto.

O francês instituído nos currículos escolares, a intelectualidade, a arte e a literatura afins a que se tinha acesso no período denota o grau de influência que a Belle Époque exerce na elite brasileira que lê e escreve o idioma com fluência. O barão de Anthouard manifesta-se a respeito:

O Brasil está moralmente vinculado à França, em cujos livros aprende, cuja arte o fascina, cuja história conhece e ama. Nenhum povo nas melhores condições do que o francês para [...] construir, no Brasil, um campo formidável de ação (O País, de 16 de dezembro de 1910 apud. SKIDMORE, 1989, p. 110)

Arremata Brookshaw (op. cit., p.158-9) com alusão a Assis, Souza e Tobias Barreto:

Cruz e Souza, tal como seus brilhantes contemporâneos Machado de Assis e Tobias Barreto, representa a mesma tendência já observada nestes dois escritores e que consiste em um desejo de cruzar a linha de comportamento e compensar as características visuais e físicas pela perfeição do intelecto e da sensibilidade artística. Ao contrário de Machado e Barreto, Cruz e Souza tinha menos condições de ocultar suas origens uma vez que estava mais próximo da extremidade negra do espectro e do filho de escravos.

Um grande exemplo de pertença foi dado por Francisco Gomes Brandão Montezu-

8 Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), carioca, cronista, jornalista, poeta, romancista, contista e fundador da Academia Brasileira de Letras. Associado ao grupo étnico branco, era mulato, filho do Francisco José de Assis, mulato, e da portuguesa açoriana Maria Leopoldina da Câmara Machado.

9 Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), carioca, jornalista, escritor, era filho dos mulatos: João Henriques de Lima Barreto, tipógrafo, e de Amália Augusta Barreto, professora.

ma¹⁰, negro, por ocasião da guerra da Independência na Bahia. Para subestimar os portugueses, muda o nome para Francisco Gê Acaiaba Montezuma, mais tarde, Visconde de Jequitinhonha. Homenageia suas raízes indígenas (Gê) e africanas (Acaiaba) provenientes da mãe cafuza. Montezuma homenageia um imperador asteca do México.

Gonçalves Dias¹¹ orgulha-se de suas origens indígenas e africanas vindas da mãe.

O APRENDIZADO DOS ESTEREÓTIPOS

Um dos pioneiros da psicologia social norte-americana, Klineberg (1935) aponta que os estereótipos são aprendidos e que crianças não participam dos estereótipos de adultos, adquiri-los na adolescência depois de contatar a escola e o meio extrafamiliar. Enfatiza, entretanto, que é no lar que eles são aprendidos pelas crianças.

A criança vive em meio à determinação de papéis e de modelos relacionais desenvolvidos pelo grupo. Interioriza de acordo com os estímulos que recebe mediante a linguagem, os padrões, as ideias e as práticas introjetadas como representação de imagem e de valores que deverá seguir, como reprodutora de hábitos e regras sociais. Mattos (1966, p.137) estuda o preconceito nos livros infantis e aponta que as crianças sofrem influência de todas as partes e ambientes na sua formação como segue:

Os preconceitos fazem parte de uma tradição cultural que se transmite, por assim dizer, espontaneamente; as crianças os adquirem em contato com seus pais, professores, colegas. Certos pais não querem que os filhos os possuam; outros, ao contrário, os inculcam, porque estão convictos de que é acertado possuí-los. Na maioria dos casos, entretanto, os adultos não têm consciência de estarem inculcando preconceitos nas crianças [...]. As crianças mais velhas também ensinam as mais novas terem preconceitos [...].

O psicólogo e educador bielo-russo Vygotsky (1896-1934), autor da teoria do desenvolvimento cognitivo, enfatiza que os processos sociais são fatores determinantes, tanto para a consecução do pensamento verbal como para a relação dos processos psicológicos. Atribui ele o conhecimento à experiência. Segundo Rossato e Gesser (2001, p.17), que estudam como ocorre a transmissão da discriminação no processo cognitivo:

Vygotsky salienta que a linguagem não é somente um instrumento de comunicação, mas também um instrumento que tem dado configuração à evolução cultural dos povos. Dessa forma, as crianças aprendem e internalizam o que se veicula no contexto em que vivem e, no caso específico da discriminação, obviamente elas aprendem a internalizar as representações racistas. Exposto a esta aprendizagem, o racismo internalizado é propagado intra e intergerações [...].

10 Francisco Gomes Brandão Montezuma (1794-1870), baiano, advogado e jornalista, filho de Manuel Brandão, comerciante português, e de Narciza Tereza de Jesus, cafuza.

11 Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), crítico de história, poeta, professor, era filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português, e da cafuza Vicência Ferreira.

A linguagem está presente em nossas significações; é a via para a expressão, para a interpretação, para a relação e para o meio. Para a exteriorização, para a interiorização, para os sentidos, para o sujeito e para o objeto. Magnoli (1996, p.16-17) assevera a importância da linguagem como mecanismo de expressão e de comunicação:

[...] é um produto social e, nessa condição, carrega consigo mais carga política e ideológica muito marcada. As palavras e as expressões fazem mais que designar objetos e ideias. Elas trazem à tona um universo de significados e experiências humanas que são julgamentos de valor, avaliações positivas ou negativas do mundo que nos cerca.

Mandela¹², ex-presidente sul-africano (1990-1994), líder da luta pelos direitos civis dos negros contra o regime *apartheid*, razão que o leva ao encarceramento na ilha Robben, na cela nº 466/64, por 27 anos, sabiamente admoesta e resume sua receita, para o congratamento entre os homens de paz:

[...] ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem ou por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta (MATOS, 2004, p.54).

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CULTURA BRASILEIRA

O pano de fundo da questão racial passa pelo imaginário popular indo à literatura que alimenta nossa educação como um guia reprodutivo e uma marca patente do pensamento brasileiro.

Aprendemos a ofender, ferir, repulsar, constranger, desdizer com intenção, vontade, propósito, determinação e explicitamente por causa da cor, da origem, da nacionalidade, da procedência, do gênero, do sexo, da religião. Isso não pode ser avaliado e tratado como simplesmente uma injúria, um mal-entendido, “um não foi por querer”, “não é bem assim”; porque deliberada, conscienciosa e convictamente, se quis a execução, a produção do efeito e resultado, a consumação do fato. O insulto ocorre com a adjetivação ou qualificação negativa do discurso

A literatura brasileira é um grande repertório cultural que identifica os usos, os costumes, os hábitos e a linguagem dos tempos, capta as peculiaridades do povo e reproduz as vivências e relações que os autores aproveitam para os seus enredos e popularização. A linguagem preconceituosa, racista e estereotipada, também presente em muitos trabalhos, ilustra vários cenários e paisagens e encerra o comportamento de uma época para outra,

12 Nelson Mandela nasceu em Mvezo, África do Sul, aos 18 de julho 1918. Advogado e líder antiapartheid, membro do Congresso Nacional Africano (CNA), por conta de sua resistência e desobediência ao regime de segregação racial foi detido com outros parceiros, aos 5 de agosto de 1962. Condenado, cumpre pena de 11 de junho de 1964 a 11 de fevereiro de 1990 em regime fechado, pela luta para libertar o povo sul-africano das garras dos bôeres.

em que se mudam as pessoas, mas o quadro e o pensamento permanecem inalterados. Isso graças ao processo de socialização que leva o indivíduo a se apropriar das normas e valores assumidos pelas organizações às quais pertence, e que ele, com a sua participação nas mesmas, ajuda a reproduzir institucionalizando relações, hábitos comuns aceitos pela sociedade, mesmo que em detrimento ao outro.

A literatura é o espelho do que pensa e sente o escritor. Ele reflete fora o que é por dentro. É sua respiração. Ela é a expressão e a forma de tornar conhecidos suas ideias e modos. Ela revela a sua alma. Por isso, para entendê-lo, precisamos conhecer sua história, seu mundo, sua época e o pano de fundo de suas inspirações. Ele defende com as palavras o que é seu. Contudo, toca no que é nosso. Por isso reagimos. O escritor é senhor do seu tempo, como aponta Bourdieu (1968, p.105):

[...] o campo intelectual [...] constitui um sistema de linhas de força: isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispendo, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo.

REPERTÓRIO ÉTNICO-RACIAL EXTRAÍDO DO COTIDIANO E DA LITERATURA: CONTRASTES E CONFRONTOS.

“Japa” para japoneses, “portuga” para portugueses, “turco” para sírio-libaneses-árabes, “china” para chineses são algumas das expressões do linguajar brasileiro para as relações da diversidade cultural/étnica carregadas de estereótipos e de preconceitos, que enfatizam, como práticas de identidades e subjetivações etnocêntricas, os clichês.

No entanto, aos negros é que são lançadas as mais claras e objetivas apelações raciais relacionadas ao domínio socioeconômico, hegemônico e de seleção, cujo vasto repertório nacional específico se constitui em verdadeiros mecanismos de reprodução, opressão, discriminação e exclusão na historiografia oficial.

Noite Ilustrada, Pelé, Chocolate, Alvaiade, Fumaça, Neguinho, Maizena, Sabará, Bola Preta, Branca de Neve, Blecaute, Alemão, Grafite, Jaburu, Rosa-Branca, Cafuringa, Veludo, Felpudo, Patrício, Escurinho, Azeitona, Crioulo, Colored, Cerelepe, As Coisas, Mané Gostoso, Mamãe Dolores, Nhá Benta, Pai João (Tom), Mãe Preta, Café, Cesteiro, São Benedito, Jabuticaba, Torrada, Borracha, Cinzeiro, Zulu, Feijão, Negão, Ciço, De Cor, Mulato, Preto, Bicudo, Brim, Tio, Tia Anastácia etc. Tolerados pela relevante e briosa velha guarda afro-brasileira, em que pesem os reconhecidos “ativismos étnicos¹³” contra o preconceito de cor e a desorganização social, os recorrentes estereótipos estampam o negro e se incorporam à história e à memória do grupo de geração em geração, como um patrimônio insuportável e insuperável da pertença.

13 Movimentos sociais no “meio negro”: intelectualidade, destacada imprensa, grêmios recreativos e culturais, sociedades beneficentes, associações, congressos, convenções, encontros, manifestos, educação etc.

Alemão. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: ironiza o negro com o contraste e confronto entre o tipo teutônico: indivíduo branco (leucodermo)¹⁴, loiro, de mínima melanina na pele e o tipo melanodermo (negro). Para Mattos (2009, p.15): “Um homem negro chamado de alemão. Um apelido jocoso só “pega” quando toca a sua sombra; se o nome não te incomoda de verdade não gruda.”

Na visão de Medeiros (1997, p. 50):

Apelido gruda, cola, vira marca registrada. Tem negro que é Alemão, tem grandão que é Fininho, tem careca que é Cabeleira, tem ateu que é Cristo, tem moreno que é Ruivo, tem albino que é Tição. Apelido não tem lógica. Tem história.

A ligeira mulata em trajes de homem/Dança o quente lundum e o vil batuque. Uso: pejorativo. Caricatura: esboça a sensualidade da mulher negra. Imaginário da brasilidade (popular): “Negra gostosa e boa”, “negra rabuda”. Segundo Lourenço (2006, p.52):

É muito comum o homem negro que acende socialmente casar-se com mulheres brancas. As teorias sobre o porquê disto são tantas, que não vou me estender. Mas, cito apenas o fato de a mídia sempre colocar a mulher branca como o padrão de beleza e a negra no papel da fogaosa, da mulher que é gostosa, mas não é para casar – pois ela não confere status.

Exaltação aos dotes naturais, sensuais e ao gingado da mulher negra guerreira na canção do Ilê Aiyê “Cenário Negro da Simpatia do Ilê”, de Amilton Nêga Fulô e Genivaldo (PINHO, 2004, p.143): “Teu corpo tem gingado e balança, negra de trança que me faz delirar. Quero ver teu corpo negro no Ilê Aiyê.”

Da sexualidade das mulatas afirma Arthur Ramos (SILVA, 2003, p.38) [sic]: “A sensualidade do negro pode attingir então às raias quasi das perversões sexuaes mórbidas. A excitação genésica da classe mulata brasileira não póde deixar de ser considerada um tipo anormal.”

Campanha de lançamento da cerveja “Tropical Dark” foi considerada abusiva pelo Procon do Espírito Santo que encaminha denúncia ao Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor – DPDC, vinculado à Secretaria Nacional do Consumidor, do Ministério da Justiça, devido à comparação pelo anúncio do produto à mulher negra: “É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra” (Folha de São Paulo, B6, Mercado 1, sábado, 5 out. 2013).

Na peça publicitária aparece uma mulher negra com um vestido vermelho decotado ao lado da aludida mensagem.

Ário-brasileiro. Designação do mestiço para Oliveira Viana. Em outras palavras: banda-forra, descendentes de pai branco e mãe negra escrava. Mulatos e mulatas.

14 Classificação de cor de pele por Roquete-Pinto (1978, p. 80): leucodermo, *leukos* (branco), *derma*, *dermatos* (pele); melanodermo, de *melas*, *melanos* (negro); faiordermo, de *phaios* (pardo); xantodermon, de *xanthos* (amarelo).

A gente mais feliz do Brasil. Uso: informal. Caricatura: referência a baiano¹⁵ (substantivo pátrio) com que o poeta Castro Alves (1847-1871) era denominado, segundo Sílvio Romero (apud MENDONÇA, 1938, p.53). O autor da obra poética “Navio Negroiro” era natural da Bahia, nascido na cidade de Curralinho.

À-toa. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: negro sem valor e marginalizado pela sociedade. Com a abolição, muitos escravos passaram a andar à toa pelas ruas das vilas e cidades, sem eira nem beira, sem documento e sem proveito ocupacional, num processo de total exclusão social. São então considerados “à-toa”, “preguiçosos”, “vagabundos”, “vadios”, “suspeitos”. Surgem entre eles mendigos, pedintes, a formação de favelas, mocós, cortiços, subúrbios, periferias de cidades, o subemprego. Variantes: “desocupados”, “malandros”, “marginais”, “malacos” e “desqualificados”. Imaginário da brasilidade: “não vale o que come”; “não vale uma merda”; “não presta pra nada”. Adjetivação/qualificação: “negra é mulher à-toa”; “negro à-toa”. A polícia devia fazer uma limpeza na sociedade negra (FERNANDES, 2008, p.284).

No romance “Espigão da samambaia”, Leão Machado compara o plantio de café nos dias da escravidão com os dias dos imigrantes italianos, do ponto de vista de um fazendeiro que estereotipa o negro:

Coisa mal feita foi mandar buscar italiano. O italiano começa colono, daí a pouco é dono depois quer mandar em brasileiro. E manda mesmo... Quando havia negro, não eram assim; Negro trabalhava e não queria governar a gente e quando reminava, era só a gente chamar “Estevão, venha cá, negro-à-toa. Venha apanhar”! E o negro vinha. (MACHADO, 1939, p. 38, 39, apud RABASSA, 1965, p. 351)

De João Alphonsus (1976, p.55) em **Totônio Pacheco** temos: “Você esqueceu de dá comida aos cachorros, negro à-toa” (sic).

Em **Por dentro do redemunho**, o autor cita o lamento de uma pessoa com relação a um negro: “Quem sabe o dia de amanhã? Num vou ser eu, nessa quadra da vida, que vou me sujar por causa de um negro à-toa desse que num vale uma cabaça d’água” (ROMÃO, 1995, p. 243).

Também narra o lamento de um escravo diante de seu senhor: “Eu sou só um negro à-toa, sem serventia pra nada, num valo um tostão furado. Num paga a pensa a nervosia do Sinhozinho – soluçou o Azaria [...]” (p. 242) [sic].

Beija-flor de bananeira. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: ilação da cor negra ao corvo ou urubu. Imaginário da brasilidade: “se gostasse de preto, andava com um urubu debaixo do braço” (NOGUEIRA; CAVALCANTI, 1998, p.206).

15 Resposta em 11 de dezembro de 2012 do deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) em sua página virtual ao jornalista Gilberto Dimenstein, autor do artigo “Graziano e os novíssimos baianos”: [...] baiano, para os setores racistas da elite paulistana, é sinônimo de “cafona”, “brega”, “pobre”; a palavra ‘baianada’, é sinônimo de “cagada”, “burrada”. <http://jeanwyllys.com.br/wp/o-baiano-de-dimenstein>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/gilberto/gd170203.htm>

Bode. Uso: informal, institucional, pejorativo. Caricatura: descendente de negro com mulato. Uma das denominações estabelecidas pelo governo português e usada em linguagem comum, para a classificação geral da população brasileira pelo seu grau de civilização (DEBRET, 1972, p.141). Imaginário da brasilidade: “olha que fulano coça a orelha com o pé”. Segundo Oliveira Viana, os mulatos claros eram os mais sujeitos a esse tratamento dispensado pela classe senhorial (BASTIDE; FERNANDES, 2008a, p. 125, apud VIANNA, p. 133). Coçar a orelha com o pé é sinônimo de “mulato”.

Bunda. Uso: informal. Do quimbundo *mbunda*, mulher de quadril largo como as quimbundas, de etnia banta, a oeste de Angola, África Ocidental. Caricatura: termo considerado chulo no Brasil, substituído por “nádegas”, “região glútea”, “rabo”, “traseiro”. Segundo Houaiss, o vocábulo foi incorporado à língua portuguesa em 1836. Aparece no Dicionário Crítico Etimológico da Língua Portuguesa de Francisco Solano Constâncio (1772-1846) de 1871 e, no mesmo ano, no Grande Dicionário de Português ou Tesouro da Língua Portuguesa de Chardron e Moraes com a definição de “nádegas”. No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de Macedo Soares (1838-1905), está com acepção de “asento”. Houaiss (1915-1999) também registra “anca”, termo surgido em 1141.

Wanderley Pinho¹⁶, autor de “História de um engenho do Recôncavo (1552-1944)”, refere-se aos termos africanos como chulos: “No Brasil, a escravidão muitas vezes deixa de ser página de sangue para ser um quadro de lascívia... E muitos termos chulos nos vieram da língua daqueles negros” (MENDONÇA, 1973, p.96).

A influência de palavras de origem africana em nosso vocabulário é abrangente. Um universo de expressões empregado em nosso cotidiano linguístico pontifica a linguagem com que a África nos ajuda a comunicar e nos entendermos. Barros contextualiza (2006, p. 12) esta forma de comunicação da seguinte maneira:

Assim, nomeiam as expressões mais informais, parta a denominação de excrementos (catinga, catota, xixi, meleca), depreciativos e alcunhas difamatórias (babaca, brucutu, coroca, mondrongo, sacana, fuleiro, ranzinza, tribufu, cotó), a genitália e a sexualidade nas suas formas mais “chulas” (bimba, bunda, cabaço, cacete, xereca, xibiu, xota, xoxota, fiofô, siririca), estando presente também naquilo que o senso comum entende como gíria (titica, babau, bambambã, belélê, binoca, galalau, lelê, lengalenga, fuzuê) e mesmo na denominação de algumas doenças (caxumba).

“Chula”, linguagem tida como vulgar ou descuidada, explica Tinhorão (1998, p. 74), outrora tinha sentido diferente: “Em Portugal da primeira metade do século XVII, chulas eram as mulheres da classe baixa de Lisboa conhecidas por sua desenvoltura pessoal, e que vendiam frutas e castanhas assadas.”

Cabungo. Uso pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: ilação entre a cor negra e o cabungo (latrina) pelo prazer de inferiorizar uma imagem, uma representação social, um pertencimento, ofender a honra e a dignidade de alguém. Cabungo era o vasilhame de madeira para o recolhimento dos dejetos fecais da Casa-Grande, esvaziado diariamente em

16 José Wanderley de Araújo Pinho (1890-1967), historiador e político.

água corrente e limpo, para reuso, por escravos ou escravas denominados cabungueiros. O cabungo com a fermentação do material fecal apodrece a madeira e coloca em risco constante o estouro do vasilhame pelo caminho, sobre a cabeça e o corpo dos cabungueiros, que se tornam fétidos, até que se banhem. Variantes: “Sujeito de pouco ou nenhum asseio”. Imaginário da brasilidade: “lave-se primeiro para vir falar comigo seu negro (sujo)”; “seu negro (sujo) lave bem a boca para falar comigo”. Adjetivação/qualificação: “Negro fedido”; “negro sujo”; “negro encardido”; “negro nojento”; “negro fedorento”; “negro de merda”; “este negro fede”; “negro malcheiroso”. Aranha (2002, p.69) aponta que “o termo passou a designar o sujeito que não se dá importância, não se cuida, vive sujo e num ambiente descuidado”. Figueiredo (1925) atribui o termo à pessoa pouco limpa ou desprezível.

Em “Armazém Progresso de São Paulo”, de Natale Pienotto, narrado por Alcântara Machado (1997, p.53), em: **Brás, Bexiga e Barra Funda**, relata-se a presença do negro num reduto e estabelecimento comercial italiano: “Dá aí duzentão de cachaça! O negro fedido bebeu de um gole só. Começou a cuspir.” Fernandes (2008b, p. 284), em suas investigações sociológicas, encontra quem rejeite o negro de qualquer maneira: “Na democracia até negro é gente, não? Pois para mim não pega, eu odeio essa gente suja e fedida.”

Cabungueira. Uso pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: escrava encarregada do cabungo e sujeita, na época, a todo tipo de discriminação social pela função que exercia. Insulto: “negra suja”, “porca”, “imunda”, “sebosa”, “sebenta”, “fedida”, “catinguenta”. Atentemos para o conselho dado à escrava Isaura, que se lê no romance de mesmo nome, de Bernardo Guimarães (1994, p.49):

Não, não Isaura; Deus me livre de te ofender; pelo contrário, dói-me de veras dentro do coração ver aqui misturada com essa corja de negra beçudas e ca-tingentas uma rapariga como tu, que só merece pisar em tapetes e deitar em colchões de damasco.

Domingues (2004, p.295) narra uma passagem sobre o branqueamento racial por meio do casamento, envolvendo Ana Pacheco de Oliveira Almeida com um negro, contrariando os seus parentes:

Ninguém queria o casamento, nem meu tio (Sr. Benedito), né? Ele não gostava de preto e meu marido era preto e aí eles não gostavam de preto mesmo.

Minha mãe não gostava. Ela era escura, preta.

Eu não sei por que ela não gostava dele; nem meu tio João Domingos que era rico, morava lá, também não gostava não, ele falava: “Preto não presta, menina, é uma raça suja! Olha! Preto quando não caga na entrada, caga na saída e quando não caga na entrada e na saída ele deixa um bilhete: ‘eu volto para cagar’, ele falava isso pra mim.

Tio João falava: “sem-vergonha! Porca! Suja! Cê vai casar com esse negro, sujar a nossa raça, né? [...] Casar com preto, pretejando a raça cada vez mais”.

O filósofo grego Cláudio Galeno, teórico da primeira tipologia do temperamento, segundo Hofbauer (2006, p. 54), na caracterização das pessoas pela cor da pele assim clas-

sifica as de pele escura: “Cabelo crespo, sobrancelhas finas, narinas largas, lábios grossos, dentes afiados, pele fedorenta, cor de pele escura, mãos e pés rachados, pênis comprido e alegria exacerbada.”

Na filosofia árabe, a cor de pele escura é sinal de mau caráter (p. 55).

Azevedo (1974, p.104), em **O Cortiço**, não faz por menos, fustiga Bertoleza com insultos: “Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo [...] (sic)”.

Cada macaco em seu galho. Uso pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: ilação dos traços raciais de cor negra aos traços simiescos. O primeiro a fazê-lo antes da analogia darwiniana foi Edward Tyson (1651-1708) criador da anatomia comparada (POLIAKOV, 1971, p. 133). Voltaire aplica pela primeira vez o qualificativo “animal” ao negro (p. 153), enquanto John Christie Fabricius endossa a animalidade dos negros e estabelece uma relação (p.157). Segundo Ibn Kaldun (1332-1406), os negros de humano tinham pouco, assemelhavam-se mais às bestas irracionais (COSTA e SILVA, 2002, p. 57). O negro não tem relação alguma com a raça humana e sim perfeita constituição simiesca, ensina o reverendo Josiah Priest (1788-1851), no livro *A Bíblia Defende a Escravidão*. Gobineau, diplomata francês de passagem pelo Brasil (1869-1870), declara que “todo mundo é feio aqui, mas incrivelmente feio: como macacos” (SKIDMORE, 1976, p.47). O recenseamento geral do Império demonstra em 1872 uma população escrava de 1.510.806 pessoas; 8.419.672 de homens livres, geral de 9.930.478.

O estereótipo foi difundido pelo Coronel Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, na Guerra do Paraguai, como palavra de ordem aos soldados negros engajados nos batalhões brasileiros. Para posicioná-los, estrategicamente nos campos de batalha e surpreender o inimigo, então brada: “Cada macaco em seu galho” (PRATA, 1996, p. 37); isto é, cada um em seu canto, na sua posição nos galhos das árvores literalmente. Os soldados negros eram exímios capoeiristas. Na América Latina, os negros são chamados de “macaquitos”. A seleção brasileira de 1994 foi assim denominada pelos argentinos. Fernandes (2008, p. 284), citando uma pesquisadora, “[...] vi agora mesmo uma negra toda de capote de peles e com anéis! Parecia uma macaca”. Jakobskind (1982, p. 85) cita passagem de racismo no futebol:

Sai dai, ‘ó macaco’, ‘crioulo burro’. São expressões comuns ouvidas nos estádios de futebol, quando jogadores negros porventura deixam de fazer algum gol certo ou se envolvem em alguma jogada não muito feliz.

Canjica. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: ilação da alvura dos dentes dos negros à canjica. Conde Gobineau: “Todo esse povinho miúdo, escuro, ri à solta colocando à mostra *os dentes reluzentemente brancos* entre o vermelho-escuro dos lábios que se destacam sobre a pele negra” (RAEDERS, 1997, p.16, grifos nossos) Variante: “mostrar as canjicas”. Imaginário da brasilidade: “negro quando sorri mostra as canjicas”; “olha as canjicas dele!”; “só as canjicas aparecem apagando a luz”. Moura (2004, p.25) no **Dicionário da Escravidão** justifica a alvura dos dentes pela alimentação: “[...] o escravo brasileiro

era bem nutrido, tinha uma dieta rica em proteínas, cálcio, originando-se daí o fato de terem os dentes fortes e brancos.”

Chapa. Uso: pejorativo, ofensivo. Caricatura: carregador de fardos. A profissão de trabalhadores de cargas e descargas de mercadorias de caminhões e outros meios de transportes; está prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) nº 7832-15. O naturalista e jornalista francês Arsène [Arsenio] Isabelle (1795-1879) registra essa atividade no Brasil (1830-1835) da seguinte forma:

Os fardos, por pesados que sejam, são transportados pelos negros para o pátio da alfândega para serem vistoriados; dali outros negros (porque a raça africana desempenha no Brasil a profissão de cavalos e mulas) os transportam para o seu respectivo destino (CARDOSO, 1962, p.79).

O escritor inglês Ewbank (1973, p.73) também registra impressão semelhante em 1855: “Toda a parte comercial do Rio de Janeiro é singularmente bem adaptada para ferrovias e, se o povo decidir continuar a utilizar os negros como bestas de cargas, seria de seu interesse possuí-la.”

Ewbank (1792-1870) confirma o negro como besta de carga (p. 93): “Aqui não temos carros puxados por quadrúpedes para transporte de mercadorias. Os escravos são os animais de tração assim como de carga.”

Tollenare (1780-1853), que negocia algodão francês e reside no Recife (PE) entre 1816 e 1818, observa o vai e vem de mercadorias carregadas pelos negros: “Movimento contínuo de negros que vão e vêm, carregando fardos e se animando mutuamente por meio de um canto simples e monótono” (TOLLENARE, 1956, p.22, apud TINHORÃO, 1998, p.158).

Trocadilho racista brasileiro: “O negro é burro de carga // O branco é inteligente // O branco só não trabalha... // Porque preto não é gente.” (Revista Vozes, 1988, p.21).

Crioulo. Uso informal e pejorativo; “fator étnico”. Caricatura: negro nascido no Brasil. Uma das denominações estabelecidas pelo governo português e usada em linguagem comum, para a classificação geral da população brasileira pelo seu grau de civilização (DEBRET, 1972, p.141). Crioulo era o negro nascido no Brasil (FLORES, 1994, p.67).

Escuro. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: ilação da cor negra à “escuridão”, “às trevas”, “à falta de luz”. Derivativo com sentido figurado: “escurinho”. **Escurinho** é o apelido de Luiz Carlos Machado, ex-centroavante do Internacional de Porto Alegre (RS) na década de 1970, e de um cantor, compositor e percussionista pernambucano, nascido na Serra Talhada e grande sucesso no Nordeste. Imaginário da brasilidade: “escureceu tudo!”, “acenda a luz que escureceu tudo”, “deu breu!” (diz-se da chegada de um negro num ambiente). Vertentes: “esse ou aquele escurinho”. Conde Gobineau, racista como era, comenta sobre o povo da Bahia em 1869: “Todo esse povinho miúdo, escuro...” (RAEDERS, 1997, p.16).

Essa gente de cor é gente amaldiçoada; onde elas chegam trazem mais azar, entra muita candonga e muito barulho. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura:

narrativa de uma história de quilombolas de **Lendas e Romances**, contos de Bernardo Guimarães de 1871, em que os personagens mulatos Maria Conga, Mateus e Anselmo são discriminados no quilombo de Joaquim Cassange, o zambi, pelo próprio, devido à tez clara deles. (GUIMARÃES, 2006, p. 37). Cassanje, presente no linguajar de Pernambuco e Alagoas (CHAVES DE MELO, 1973, p.68), pertence à tribo de Angola, conhecida por falar mal provavelmente pelo hábito de deformar os dentes dianteiros com lima (RAIMUNDO, 1933, p.110).

Esfolados. Uso: pejorativo, irônico, ofensivo e injurioso. Caricatura: para o poeta Luiz Gama¹⁷ (1830-1882), eram os mulatos que renegavam suas origens na pretensão de passar por brancos. (GAMA, 1861, In: AZEVEDO, 2004, p.17). “Preto metido a branco” (FLORESTAN, 2008, p.184). SKIDMORE (1976, p.53) citando Silvio Romero, com sua enfatizada opinião racial sobre a passagem de pardo e mulato por branco:

É conhecida [...] a proverbial tendência do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua cor pode iludir. Quase não temos mais famílias extremamente arianas; os brancos presumidos (sic) abundam, Dentro de três ou quatro séculos, a fusão étnica estará talvez completa, e o brasileiro mestiço bem caracterizado.

Os conflitos de autoaceitação são marcantes na vida das pessoas e Mário Filho (2003, p.173), renomado cronista esportivo de todos os tempos, aponta como eles se desenrolam como dilemas na vida de jogadores:

Nenhum branco, nenhum mulato metido a branco, nenhum preto cheio de coisa. Um mulato com Arthur Friedenreich, um preto como Valdemar de Brito. Friedenreich não querendo ser mulato, Valdemar não querendo ser preto. Friedenreich passando uma meia hora de toalha amarrada na cabeça para amansar o cabelo duro, rebelde, “não nega”. Valdemar mandando frisar o bidoginho, cantando tango argentino.

Mulholland (1946, p. 26), no romance **Essa negra Fulô!**, trata com estereótipo uma das personagens de seu enredo [sic]:

E tudo, d. Leda, por causa duma mulata esbranquiçada! Tão tudo doidos, esses negros. Uns negros doidos, esses negros. Uns negros de raça pura, negros, negros. Credo, meu Deus. Ou então uma negra cortara os pulsos, por causa do branco que a abandonara.

Repreensão de Joaquim Nabuco (1849-1910), o abolicionista, a José Veríssimo (1857-1916), após a morte de Machado de Assis, por tê-lo chamado de “mulato” num artigo póstumo. Revelação dos bastidores do branqueamento racial e social do Brasil:

17 Luiz Gonzaga Pinto da Gama, soteropolitano, jornalista, escritor e advogado, era filho do português Nabor da Gama Filho e de Luísa Mahin, quitandeira africana.

Seu artigo no jornal está belíssimo, mas esta frase causou-me arrepio: “Mulato” foi de fato grego da melhor época. Eu não teria chamado o Machado de mulato e penso que nada lhe doeria mais do que esta síntese. Rogo-lhe que tire isso quando reduzir os artigos a páginas permanentes. A palavra não é literária e é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. O Machado para mim era um branco e creio que por tal se tomava; quando houvesse sangue estranho, isso em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica (REVISTA DO LIVRO, Vol. V. Ano II março de 1957, p. 164).

Bastide e Fernandes (1951, p.46) no rodapé do trabalho **O preconceito racial em São Paulo**, publicado por ocasião das pesquisas da UNESCO no Brasil sobre a temática, aludem que:

A expressão “homem de cor” (ou outras, equivalentes) é geralmente empregada para designar negros e mestiços, porém, pessoas com ancestrais pretos conhecidos e portadores de alguns traços negroides salientes, frequentemente passam por “brancos”, e são tratados como tal.

Frei Jesuíno de Monte Carmelo¹⁸ (1764-1819) conquista, com os seus talentos, a vila de Itu (SP), e o seu capitão-mor, de 1779 a 1825, Vicente Costa Taques Goes Aranha (1749-1858). O comandante, para evitar que o religioso fosse impedido de ingressar na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo pelos estatutos “puritate sanguinis” devido à sua ascendência escrava, alista-o entre os ituanos como “branco!” (POMPÊO, 1929, p.50)

Afrânio Peixoto (1876-1947) retrata em **Fruta do Mato**, com primeira edição em 1920, o conflito de fórum íntimo vivido pelo mulato com relação à sua representação étnica e social.

Aquele mulato, que odeia os brancos porque ainda não é branco e despreza os negros porque já não é negro, o mulato cheio de prosápia, que chega a pretender as filhas brancas do senhor de engenho [...] (MENDONÇA, 1973, p. 96).

Fardo. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: o escravo era um fardo. Quando dava problemas, então, os escravocratas lastimavam o fardo que tinham que carregar. Imaginário da brasilidade: “que fardo pesado!”, “que carga!”, “que encomenda!”, “que coisa!”. Silvio Romero era convicto “de que o negro era não apenas a besta de carga, mas um objeto de ciência”. [sic] (CARNEIRO, 1964, 103).

Mestiço de primeira mão. Uso: pejorativo e injurioso. Caricatura: descendente de branco e negra com ênfase sobre o primeiro: pai português. Referência do crítico literário Silvio Romero ao poeta e músico Domingos Caldas Barbosa¹⁹ [1738-1800] (ROMERO, 1943, p.145).

18 Nascido em Santos (SP) Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, mulato, era músico, arquiteto, entalhador, poeta e pintor. Filho de Antônio Gualdo Jácome e Domingas Inácia Gusmão, mulatos.

19 Carioca, padre, músico, compositor sacro, poeta. Mulato filho de Antônio de Caldas Barbosa e da escrava alforriada Antônia de Jesus. O pai português era servidor público da Fazenda de Portugal.

Nação acima do Estado. Uso: informal. Caricatura: pregação de Antônio Pereira Rebouças²⁰ (1798-1880), pai dos famosos engenheiros negros Rebouças, acerca de que os mulatos fossem iguais aos brancos e tivessem os mesmos direitos e oportunidades, numa visão nacionalista, para uma população composta em sua maioria por eles (FIGUEIREDO, 1977, p.97)

Negro não se mete em conversa de branco (BRANDÃO, 1979, p. 196) Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Caricatura: “coisas de brancos não são para negros”. Insultos: “negro não mete o bico em coisas de branco”, “negro passa ao largo de coisas de branco”, “o mundo é dos brancos”, “a polícia devia fazer uma limpeza na sociedade negra”. Imaginário da brasilidade: “eles são brancos que se entendam”, “as coisas de branco não servem para o negro”, “eles não são de nossa cozinha” (não ter sangue negro correndo nas veias), “negro pensa que virou gente”, “é preciso ensinar o seu lugar para esse negro”.

Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre País (FISCHER, 2003, p.88, *apud* SANTOS, 2002, p.62). Uso: informal e estereótipo. Caricatura: estrofe do Hino da Proclamação da República do Brasil com a letra de autoria do poeta Medeiros e Albuquerque (1867-1934) e a música de Américo Miguez (1850-1902), vencedor de um concurso realizado no Teatro Lírico do Rio de Janeiro. Taxativamente nega ter havido escravidão no País. Nega a lei Áurea que completa 2 anos. Não reconhece os milhares de ex-escravos que circulam como testemunhas reais dos fatos. Negar a escravidão no Brasil é como negar o Holocausto. Outra estrofe diz que “somos todos iguais”.

Raça social. Uso: acadêmico. Caricatura: denominação de Charles Wagley (1913-1991), antropólogo norte-americano, à localização de uma pessoa no Brasil na hierarquia social com base na cor ou na classe (DEGLER, 1971, p.115).

Se eu fosse branco, jogaria imediatamente uma caixa de piche no rosto. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Encontrado no folclore brasileiro. Caricatura: repúdio do negro ao branco.

Seu eu gostasse de negro, seria como se carregasse uma saco de carvão nas costas e um urubu debaixo do braço. Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Encontrado no folclore brasileiro. Caricatura: repúdio do branco ao negro.

Se eu gostasse de preto, andava com um urubu debaixo do braço (NOGUEIRA e CAVALCANTI, 1998, p.206). Uso: pejorativo, ofensivo e injurioso. Encontrado no folclore brasileiro. Caricatura: repúdio do branco ao negro.

O sociólogo Oracy Nogueira anotou alguns estereótipos sobre o negro expresso por torcedores numa partida de futebol: “negro à-toa, o maior erro da princesa Isabel foi ter libertado vocês, negros sujos. Negro não devia existir” (NOGUEIRA e CAVALCANTI, 1998, p.207).

Ter os pés na cozinha. Uso: informal. Caricatura: sinônimo de ter ancestrais negros. O ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso insiste no uso do termo durante os seus mandatos. Segundo a genealogia da família, sua trisavó materna foi escrava e a bisavó mulata (Época, 24, de maio, 1999, p.15) Desconhece-se seu nome, mas o seu espaço na formação da família está reservado, garantido, reconhecido e honrado.

²⁰ Rábula, orador, jornalista, político, cartorário, filho de Gaspar Pereira Rebouças e de Rita Basília dos Santos. Pai dos engenheiros civis negros André, José Pereira e Antônio Pereira Rebouças.

Trabalhar. Uso: informal e pejorativo. Caricatura: designa a ida da escrava para a cama com o seu senhor. Imaginário da brasilidade: “branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar” (FREYRE, 1995, p.46, *apud* VENTURA, 2000, p.55). Expressão idiomática recorrente nos séculos XVIII e XIX, com elevada carga de preconceito e estereótipo de gênero e etnicorracial, visando à mulher negra como objeto de desejo e consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas ligeiras pinceladas procuramos mostrar a complexidade da questão racial no Brasil, ao mesmo tempo em que evidenciamos a necessidade da aplicação irrestrita e urgente das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, instituídas pela Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de julho de 2004 e pelas leis federais 10.639, de 2003 e 11.645 de 2008. Para tanto, será necessário que as temáticas sejam contempladas nas grades curriculares de todos os cursos de formação no Brasil, do fundamental ao superior e em todas as áreas: humanas, exatas, ciências e tecnologia.

O objetivo da educação das relações étnico-raciais é de que compreendamos a formação cultural dos grupos formadores do povo brasileiro, para a valorização de cada um deles e capacitação para descrevê-los, de forma que se aja com as respectivas culturas e com os indivíduos com interação, moderação e respeito mútuo. É importante compreendermos que o respeito ao outro é imprescindível para o fortalecimento das relações entre os povos e etnias, porque depende da participação de cada um, de uma ação em conjunto, que vise ao crescimento de todos, independentemente das características individuais e sociais.

REFERÊNCIAS

- ALPHONSUS, João. **Totônio Pacheco**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.
- ARANHA, Altair J. **Dicionário Brasileiro de Insultos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- ARARIPE, Tristão de Alencar *et al* (Org.). **O Direito**: revista mensal de legislação, doutrina e jurisprudência. Vol. 110. Michigan: Typographia Theatral e Commercial, 1909.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1974.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Para além das relações raciais: por uma história do racismo. In: AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Anti-racismo e seus paradoxos**: reflexões sobre cota racial, raça e racismo. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- AZEVEDO, Thales de. **Cultura e Situação Racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 45. (Retratos do Brasil, v. 42)
- BARROS, Rachel Rocha de Almeida. O lugar social das Palavras Africanas no Português do Brasil. In: CAVALCANTI, Bruno Cesar; FERNANDES, Clara Suassuna; BARROS, Rachel Rocha de Almeida (Orgs.) **Kulé-Kulé**: visibilidades negras. Maceió: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro, NEAB/UFAL, 2006.

- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 4.ed. São Paulo: Global Editora, 2008.
- BORBA, Julia. Campanha da Devassa é considerada abusiva. **Folha de São Paulo**, B6 Mercado 1, sábado, 5 out. 2013.
- BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005 (Coleção Trajetória).
- BRANDÃO, Maria de Azevedo. Conversa de Branco: questões e não-questões da literatura sobre relações raciais. **Revista Vozes**, Ano 73, v. LXXIII, abril 1979, n.3.
- BROOKSHAW, David. **Raça e Cor na Literatura Brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CHAVES DE MELLO, Gladstone. **A Língua do Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1981.
- CHIAVENATO, Júlio José. **O Negro no Brasil**: da senzala à abolição. São Paulo: Editora Moderna, 1999.
- COSTA E SILVA, Alberto de. **A Manilha e o Libambo**: A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravismo**: o Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962. (Corpo e Alma do Brasil)
- CARNEIRO, Édison. **Ladinos e Crioulos**: estudos sobre o negro no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. v. I, II, III. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1972. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 56)
- DEGLER, Carl. N. **Nem preto nem branco**: escravidão e relações raciais no Brasil e nos EUA. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1971.
- DOMINGUES, Petrônio José. **Uma História Não Contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil ou Diário de uma visita à Terra do Cacaueiro e da Palmeira**. São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.
- FERNANDES, Florestan. **Integração do Negro na Sociedade de Classes**: no limiar de uma era. Volume II. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. Trad. Wladimir Araújo. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **O negro e a violência do branco**: o negro em Sergipe. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1977.
- FIGUEIREDO, Cândido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Egypt: Library of Alexandria, 1925.

- FISCHER, Luís Augusto. **Parnasianismo Brasileiro**: entre ressonância e dissonância. Porto Alegre, Edipucrs, 2003. (Coleção Memória das Letras 13)
- FLORES, Moacyr. **Negros e Índios**: literatura e história. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GAMA, LUIZ. Primeiras Trovas Burlescas. Rio de Janeiro, 1861. In: AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Anti-racismo e seus paradoxos**: reflexões sobre cota racial, raça e racismo. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (Coleção Travessias)
- GUIMARÃES, Bernardo. Uma história de quilombolas. In: **Lendas e Romances**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HABERMAS, Jurgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAKOBSKIND, Mário Augusto. **A Hora do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- KLINBERG, Otto. **As diferenças raciais**. Trad. Gioconda Mussolini. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. (Biblioteca Universitária, Série 2ª, Ciências Sociais, v.14)
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel Pereira (Orgs.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: Editora UFBA, 2004.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Trad. Jacques A. Wainberg. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LOTTI, Luiza Horn. **Imigração e colonização**: legislação de 1747 a 1915. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2001.
- LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, Humor e Caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MACEDO SOARES, Antônio Joaquim. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1889.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda e outros contos**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de Sangue**: História do pensamento racial. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

- MÁRIO FILHO. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- MATOS, Maria Zilá Teixeira. **Bonecas negras, cadê?** Belo Horizonte: Edições Mazza, 2004.
- MATTOS. Guiomar. O preconceito nos livros infantis. **Revista Forma**, n.4, dez. 1954.
- MENDONÇA, Renato. **A Influência Africana no Português do Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. (Coleção Retratos do Brasil, v. 83)
- MENDES, Josué. **Poesia Científica: Pensar Sentindo Sentir Pensando**. Brasília: EME Editora, 2004.
- MONTEIRO, Noedi. **Abordagem de Linguagem e de Diálogos sobre Relações Etnicorraciais**. 2009. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2009.
- MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- MULHOLLAND, Lúcia. **Essa negra fulô!**: romance. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.
- NASCIMENTO, José Leonardo do. **Euclides da Cunha e a Estética do Cientificismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- NOGUEIRA, Oracy; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Preconceito de Marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.
- PALIAKOV, Léon. **O mito ariano**. Trad. de Luiz João Gaio. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.
- POMPÊO, Antonio. **Os Paulistas e a Igreja**. v.II. São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1929.
- PRATA, Mário. **Mas será o Benedito?** Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares. São Paulo: Editora Globo, 1996.
- RAEDERS, Georges. **O Conde de Gobineau no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- RAIMUNDO, Jacques. **O Elemento Negro Afro-Negro na Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933.
- ROMÃO, Victor Hugo. **Por dentro do redemunho**. São Paulo: Scortecci, 1995.
- ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomo III, 3.ed. Organizada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 24)
- ROSSATO, Cesar; GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Edições Selo Negro, 2001.

SANTOS, Rogério Fernandes. **A influência dos estereótipos no julgamento da verdade de enunciados**. 2008. 158f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, 2008.

SANTOS, Wayne Tobelem dos. **Compreendendo os Hinos Brasileiros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SILVA, Mozart Linhas da. Direito e Medicina no Processo de Invenção do Anormal no Brasil. In: SILVA, Mozart Linhares da Silva (Org.). **História, Medicina e Sociedade no Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Trad. Raul de Sá Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 9)

SEITENFUS, Ricardo. **Lei Internacional** (Org.). 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

TAYLOR, Charles. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1994.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TOLLENARE, Louis-François. **Notas Dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818**. Salvador: Livraria Progresso, 1956.

VIANNA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil, história, organização, psicologia**. 4.ed. v.I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Biblioteca Pedagógica Brasileira: Brasileira)

VENTURA, Roberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Publifolha, 2000.

VILLELA, Fábio Goulart. **Manual de Direito do Trabalho**: teoria e questão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DADOS DO AUTOR:

Noedi Monteiro

Licenciado em geografia e história (ISCA) com extensão nas áreas pelo Programa Teia do Saber da Unicamp, ativista de educação étnico-racial com extensão em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Ágere Cooperação em Advocacy/Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Ensino Brasil, mestre em educação (UNISAL), organizador do Projeto Negro Arquivo & História, ativista negro desde 1970.

Submetido em 09/2013 - aprovado em 10/2013